

A PROVÍNCIA

Semanário



INFORMAÇÃO •• CULTURA •• RECREIO

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 - TELEF. 026 467
MONTIJO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA «GRAFEX» - TELEF. 026 236 - MONTIJO

DIRECTOR
RUY DE MENDONÇA

O CHEFE

Este «chefe» de que vamos falar, por si só não vale o papel gasto neste artigo. É um chefe sem importância de carreira profissional apagada, incompetente, absurdo nas suas decisões, de mau carácter e má índole.

Este «chefe» eu conheci-o, era atarracado e humilde e ainda não era «chefe». Chegou aí, com um canudo e

**POR
MOTTA PINTO**

uma gabardine num dia de inverno. Tivemos pena dele. Pena da sua aparente humildade. Ganhava pouco... tinha canudo... era humilde... sensibilizaram-se os corações pois ainda era pobre de espírito. Assim andou mais um tempo.—Insignificante e pobre...

Uma possibilidade se abriu no seu horizonte. Era preciso um chefe.

Pedidos empurrões (eu também empurrei), influências etc... e... o ceptro veio e, com ele mais uns cobres.

Boas vontades à volta do «chefe», homenagens, e ei-lo subindo, subindo nas asas da sua imaginação.

Breve se reconheceu não estar talhado para dirigir. Massa amorfa e inerte. Cedo se desorienta e capacita das suas diticuldades. Reconhecemos-lhe incapacidade, mas ajudámo-lo e amparámo-lo sempre. E lá continuou... até um dia.

Passaram-se anos. Sem

personalidade, sem carácter, sem competência, cego nas decisões, desejoso de se evidenciar de qualquer maneira, protesta, participa, reclama, mente, inventa julgando esconder assim a sua inferioridade evidente. Tem desgostos, é castigado e desmascarado, mas não perde o «tacho».

Foge do convívio social, acumula erros sobre erros, sente lá dentro o ressentimento, alimenta altos desejos de vingança incontida. Luta, esbraceja, espia pelas portas, pelos «cafés» e pelas ruas, fere às escondidas, vai minando, minando sempre, provoca o inferno, arranja o único amigo e acólito—o pior de todos—e, lá caminham na senda da maldade, conhecendo-se intimamente e por isso temendo-se.

Para ele não há dívidas de gratidão, nem amigos nem a consciência do dever a cum-

(Continua na página 2)

Finalmente

Foi aprovado o projecto para a construção da Praça de Touros de Montijo

Já aqui dissemos no último número que se impõe criar ambiente favorável à rápida construção do Redondel Montijense e para isso nada há como a união de esforços e a mútua compreensão dos deveres de cada um dos nossos conterrâneos, em face do problema.

Haja bairrismo e vontade firme de colaborar.

Acreditamos que estão connosco, não só os aficionados, como também os indiferentes a este espectáculo, pois a Praça de Touros de Montijo, não representa a vontade de um grupo, mas o desejo de uma população que, inteligentemente, vê os grandes benefícios e o interesse turístico-regionalista deste empreendimento.

Avante pois, Teremos a Praça nas Festas deste ano

Crónicas Irrequietas - 17

A Gravata

A gravata é o sinal que a bela sociedade convencionou como distinção.

O engratado é, pois, por essa determinação universal, um indivíduo distinto, é aquele que se apresenta, de finas maneiras e porte exemplar, correcto e afável e doce,

**POR
ÁLVARO VALENTE**

que tem «linha» e traço, que merece todo o respeito e lugar especial naquela sociedade,—a tal que dita leis, faz e desfaz reputações.

—Em nunca falo nesta dama que não me fique a pensar na autoridade moral que ela se arroga para decretar e passar diplomas.

Quem a forma? Quem a constitui na sua maioria?

Meia dúzia de imoralões cujas vidas são verdadeiros

rozários de vilipêndios, de indignidades, de baixezas, sentenciando soberanamente acerca dos factos e dos indivíduos; aqui e além, como as ilhas nas enxurradas, outra meia dúzia de pasmados, de insignificantes, de relógios de repetição, que pretendem o seu bem estar à custa dos desprotegidos da sorte.

Quando censuram, quando legislam, quando criticam, esquecem-se de interrogar a própria consciência para saberem se têm aquela autoridade indispensável.

Pois são estes «maravilhosos personagens» que formam e constituem a tal sociedade legislativa, e é ela,—são eles!—, que decreta, entre outras panaceias de marmelada, o valor estupendo da gravata.

De sorte que, cidadão sem gravata, é homem ao mar, liquidado, perante o que está resolvido e assente.

Ao contrário, uma gravata flamante, iriada, super espalhafatosa, é certidão de elegância e de alto significado social.

Pode aquele primeiro ser uma pessoa séria, honesta, até com talento e génio; pode ter sido um infeliz a quem tudo correu mal na vida e a quem o azar apalpou pertinazmente.

Que importa? Não traz gravata? Traz gravata esfiampada? —Puf! Chega-te para lá, não me enfarrusques...

Pode o outro ser um traficante, um respeitável vigaristas, (esta palavra já vem nos dicionários, está superiormente chancelada), um trifulha de estalo; mas traz ao pescoço uma nobilíssima tira de seda com uma pérola falsa e é, com certeza, acalentado fagueiramente, é, com certeza, recebido de braços abertos, e até se lhe abrem os lares e se lhe oferece chá com loiras torradas!

(Continua na página 5)

Morreu o Padre Pólvora

É debaixo ainda da pressão nervosa e dolorosamente surpreendidos com o desenlace rápido e brutal, que escrevemos estas linhas.

Morreu o Padre Pólvora. Morreu no sábado às 4 da tarde, na sua residência em Montijo, rodeado de amigos, rodeado de carinho. Tal como ele sempre desejou e comodamente pediu quando há



um ano saiu desta terra.

Esta terra que não era a sua, mas que ele queria como tal, esta terra que o acarinhou e estimou durante mais de 35 anos, esta terra onde ele deixou para todo o sempre o seu nome ligado.

Coração magnânimo, espírito livre e desempoeirado, estudioso e culto, orador sagrado de grande merecimento, disfrutava a simpatia

geral de toda a população. Acamaradando com ricos ou pobres, cristãos ou indiferentes era de índole essencialmente alegre e a todos estimava e ajudava, com discreta mas profícua acção.

Muitos e muitos que nos estão lendo, devem ao bondoso sacerdote o seu emprego, a resolução de um problema difícil na vida, o auxílio para uma aflicção de momento.

Nunca ninguém se aproximou do Padre Pólvora a solicitar qualquer favor que não fosse prontamente socorrido.

A sua maneira de ser, desprendida e simples, sem se preocupar com preconceitos, valeu-lhe por vezes inimizades e calúnias.

Mas em contrapartida faziam dele um Padre simpático e querido à população da sua freguesia.

O seu espírito infantil por vezes, era tomado e tido como irrevência. Mas nunca os seus deveres de bom sacerdote foram quebrados ou manchados.

Trinta e cinco anos parou a freguesia de Montijo. Durante este tempo, espa-

(Continua na página 2)

JARDINS

Quando o ano passado fizemos uma viagem por terras do centro e norte de Portugal, constatámos enlavados que rara é a localidade, ainda aquela de menos importância, que não tem o seu jardim ou logradouro público, arranjado com arte e tratado com carinho.

Logo nos veio à ideia a nossa terra.

Logo nos lembrámos do abandono total a que Câmaras sucessivas têm votado este problema.

Montijo não tem jardins, nem aproveita a menor parcela dos seus terreiros ou praças, para com arte e saber criar pequenas zonas arbori-

zadas e floridas, quebrando assim a monotonia dos arruamentos e dando à vila e aos seus habitantes a possibilidade de poderem utilizar esses jardins, para recreio das crianças, para agradável descanso de jovens e velhos, para embelezamento de locais que se valorizariam extraordinariamente com o verde das relvas curtas e o colorido das flores.

Carlos Loureiro, num rasgo de visão profunda e, que nunca poderemos esquecer, deu-nos em feliz iniciativa da sua Câmara—O Parque. Mais tarde apareceu-nos a

(Continua na página 2)

Concurso de Prognósticos
Não há outro concurso igual em jornais da província
Veja a 6.ª página

VIDA
PROFISSIONAL

Medicos

Dr. Alcides Cunha

Montijo — Sarilhos Grandes

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.

R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO

Dr. Eduardo Gomes

Consultas todos os dias às 17 horas.
R. Machado Santos, 6-1.º
Telef. 026038 — MONTIJO

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11

Das 10 às 13 e das 15 às 18 h
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr. J. Sousa Correia

CLINICA DENTÁRIA

Dentes artificiais e concertos

Consultas todos os dias
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr. M. Santos Cruz

Interno dos hosp. civis de Lisboa
Doenças da boca e dentes
Dentes artificiais
Consultas às 2.ªs e 6.ªs feiras
às 14 horas.
R. Bulhão Pato, 7 — Montijo

Dr. F. Sepulveda da Fonseca

INTERNO DE PEDIATRIA

(Doenças das crianças) dos
Hospitais Civis de Lisboa
Passou a dar consultas todos
os dias às 8 e às 15 horas na
R. D. Estefânia, 81 r/c.
Telef. 51589 LISBOA

Dr.ª Isabel Gomes Pires

Ex-estagiária do Instituto

Português de Oncologia.

Doenças das Senhoras

Consultas às 3.ªs e 6.ªs feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º - Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48649

Parteiras

Felisbela Victória Pina

Parteira - Enfermeira

Partos, injeções e tratamento.
Rua Sacadura Cabral, n.º 50
MONTIJO

Augusta Marq. Charneira Moreira

Parteira-Enfermeira

Diplomada pela Faculdade de
Medicina de Coimbra
Rua Tenente Valádim, 29-1.º
MONTIJO

Advogados

Dr. Alberto Cardoso do Vale

Escritório: Praça da República, 45
MONTIJO

Dr. Raúl Elias Adão

Montijo — Telef. 026 252
Praça do Quebedo, 1 - r/c.
Telef. 2240 — Setúbal

Teado V. Ex.ª que efectuar
Seguros em qualquer ramo
não deixe de consultar

Luís Moreira da Silva

Rua Almirante Reis, 27

Telefone 026 114

MONTIJO

Montijo dia a dia

A morte do Reverendo

António Gomes Pólvora

(Continuação da primeira página)

lhou o bem nas almas e nos corpos.

Dedicado carinhosamente à renovação e sobrevivência do Orfanato, ele gastou os melhores anos da sua vida e todas as migalhas que lhe davam, nesta obra de assistência infantil, criada na nossa terra por outra alma boa, o Dr. Cesar Ventura. Um dia pensou em que o Orfanato devia ter uma pequena Banda de Música, e criou-a.

A sua acção junto dos presos, era constante e proveitosa. Nos últimos anos estava dedicado com todo o entusiasmo, como se fosse ainda um jovem, ele que já tinha setenta anos, a colaborar na campanha de educação de adultos.

A sua obra, é daquelas que não se vê, mas sente-se.

Ficará para a posteridade o nome do Padre Pólvora.

Ficará no coração de todos os Montijenses a saudade pelo amigo que desaparece, mas cuja recordação perdurará pelos tempos a atestar o valor e mere-

cimento da sua passagem pela terra.

Que repouse em Paz, na Glória de Deus.

Notas Biográficas

O Padre António Gomes Pólvora, nasceu em Sesimbra em 24 de Julho de 1886, era filho de João Vicente Gomes Pólvora e de D. Maria da Luz Reis Pereira Gomes Pólvora.

Feito o seu exame de instrução primária em Lisboa, matriculou-se no Grande Seminário Patriarcal de Santarém, onde fez o seu curso brilhantíssimo. As ordens menores foram-lhe conferidas ainda pelo Senhor Cardeal José Neto, e as restantes, subdiácono, diácono e presbítero já pelo saudoso Cardeal Mendes Belo.

Em 15 de Agosto de 1900 celebrou a sua Missa Nova.

A seguir foi nomeado Capelão e Director Espiritual das Irmãs Hospitaleiras da Misericórdia de Sesimbra e Capelão da Capela de N.ª S.ª da Conceição em Alfirim (Castelo de Sesimbra).

Em 1912 tirou o Curso de Contabilidade e Cálculo Co-

mercial no Instituto de Magalhães Peixoto (Lisboa).

Em 1918, frequentou a Escola de Oficiais Milicianos, tendo sido Capelão militar durante a 1.ª Grande Guerra.

Foi vereador da Câmara Municipal de Sesimbra, quando da Presidência do Sr. Dr. Ramada Curto.

Nos fins do ano de 1919, o senhor Cardeal Mendes Belo, convidou-o para parouquiar a Vila de Montijo, onde ele veio dizer a 1.ª Missa em 4 de Janeiro de 1920, mas com o intuito experimental de, se não se desse bem, voltar novamente para Sesimbra. A esta Missa assistiram apenas 3 pessoas, e não obstante todas as contrariedades com que teve de contar, o Padre Pólvora, atleta física e espiritualmente, ficou em Montijo, não por três dias, mas por 35 anos!

O Funeral

O funeral do sr. P.º Pólvora constituiu, como já era de prever, uma grandiosa, sincera, e justa manifestação de pesar às suas qualidades de homem e de sacerdote, ao qual se associou a Montijo uma grande e brilhante embaixada de Sesimbra, sua Terra Natal, presidida pelo sr. Presidente da Câmara e por todos os vereadores. No domingo, pelas 15 horas, foi o corpo do sr. P.º Pólvora encerrado num caixão, modestíssimo, feito de tábuas de pinho, forrado de pano preto, do mais barato do mercado, levado em préstimo fúnebre para a Igreja Matriz, aos ombros de pescadores. Ali, colocado numa modesta essa, esteve toda a tarde e toda a noite à contemplação dos seus antigos paroquianos. Junto do caixão desfilarão, durante todo esse tempo, milhares de montijenses, que iam, com os olhos marejados de lágrimas prestar a sua última homenagem ao zeloso pastor de almas.

Na manhã do dia 30 rezaram-se missas, em sufrágio da sua alma. Ao meio dia houve Missa Solene de requiem, seguida de absolvição, «praesente cadáver». As 16 horas, ofícios de defuntos, seguindo-se o funeral, presidido pelo Rev.º pároco do Montijo, acolitado pelo sr. P.º Salvação e P.º Albino, este montijense e capelão da Casa Pia de Lisboa. No préstimo encorporaram-se mais quinze sacerdotes, vindos de todos as freguesias do distrito. Às 17,05 horas o funeral saía da Igreja. A grande e extensa Praça da República foi pequena para conter os muitos milhares de pessoas que, pela derradeira vez, iam acompanhar o seu antigo pároco, o seu bom amigo. Da sua Terra Natal, que neste dia o chorou com saudade, lembramo-nos de ter visto, no funeral, o sr. Presidente da Câmara, Engenheiro Roquete e todos os vereadores, com o chefe da secretaria e outros funcionários municipais, a mesa administrativa da Santa Casa da Misericórdia, a Associação de Socorros Mútuos, representantes dos armadores de pesca e das fábricas de conserva, a União Nacional, a Escola da Princesa Santa Joana, Sociedade Musical Sesimbrense, Bombeiros Voluntários e representações de todas as associações de instrução e recreio, etc., etc., etc.

E quando o novo Cinema estiver pronto que apareça o prometido jardim da zona que circunda a formosa e imponente sala de espectáculos, para que o local fique de harmonia com a obra e, os montijenses possam dizer com orgulho:— Agora sim, Montijo moderniza-se e acompanha em todos os sectores o progresso da Nação.

Sim, porque nem só de porcos e cortiça vive o homem...

RUY DE MENDONÇA

(Continua na página 3)

Nova Delimitação de freguesias

Foi publicado no «Diário do Governo» um decreto-lei que fixa nova delimitação entre as freguesias de Vendas Novas, Canha, Coruche e Lavre, dos concelhos de Montemor-o-Novo, Montijo e Coruche.

Trata-se como os nossos leitores por certo sabem, da oficialização de um pequeno reajustamento de limites que em nada afecta o perímetro do nosso concelho e que há muito de facto se achava feito. Damos esta explicação porque poderia surgir no espírito dos leitores a ideia de que era finalmente a criação da Nova Freguesia de Santo Isidro que acabara de ser sancionada.

Esse problema, está ainda em estudo e julgamos saber que brevemente se realizará uma reunião magna para ultimar e apressar a sua resolução.

O CHEFE

(Continuação da 1.ª página)

prir, não há a responsabilidade do cargo que ocupa, não há isenção em julgar. Há o espírito de vingança, por estar desmascarado por ser ignorante e mau, do que ninguém tem culpa.

É vulgar em pequenos e grandes núcleos, chefes de família perderem o pão, famílias dilaceradas, porque um dia lhes apareceu à frente, na Vida, espécimens desta natureza que por favor foram empurrados para dirigir.

O mando em más mãos é um punhal envenenado nas mãos de um louco.

Isto afinal vem a propósito daqueles que andam na Vida procurando um «penacho» para levantar a moral, para se envaidecerem, para darem ordens, para serem «donos» de uma dúzia de indivíduos que precisam de trabalhar.

Estes «chefes» que antes são submissos, serviçais e afáveis, depois de entronizados, tornam-se arrogantes, tolos, servem as suas conveniências apenas e pretendem espezinhar todos aqueles onde advinham algum valor.

Conhecem por aí algum? Pensem mas não digam.

Motta Pinto

Telef. 026 208

LATOARIA CENTRAL

DE

JOAQUIM ANTÓNIO DA SILVA

Embalagens em Folha de Flandres

Rua Almirante Reis, 77

MONTIJO

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

— Dia 29, o sr. Carlos dos Santos, nosso prezado assinante.

— Dia 31, o sr. Helder Almeida Estras Martins, nosso prezado assinante.

— Dia 31, a menina Ana Maria Beja Ramalho, gentil filhinha do nosso prezado assinante sr. António Manuel Ramalho e de sua esposa sr.ª D. Elvira Beja Ramalho e netinha do sr. Francisco Braz da Cruz e da sr.ª D. Maria Beja Braz.

— Dia 1, a sr.ª D. Maria Antonieta Felix Pontes Araújo, esposa do nosso amigo e assinante sr. António Batista da Silva Araújo.

— Dia 2, o sr. António Alberto Maia Pinho, irmão do nosso dedicado assinante sr. José Emílio Maia Pinho.

— Dia 2, o menino Joaquim Gabriel Rosado Gouveia Marques, filhinho do nosso assinante sr. Joaquim de Jesus Marques.

— Dia 3, a menina Maria Gabriela da Silva Martins e António José da Silva Martins, filhos do sr. José Martins.

— Dia 4, a Ex.ª Sr.ª professora D. Judite Rosado, nossa dedicada assinante.

— Dia 7, a menina Maria Eugénia Garroa Soares, filha do nosso prezado assinante sr. Nicolau Madeira Soares.

— Dia 7, a Ex.ª Sr.ª D. Isilda Coelho Sampaio Santana, nossa dedicada assinante em Vendas Novas.

Visitas

Deu-nos a honra da sua visita à nossa redacção, o sr. Dr. Eduardo Júlio Marques Perdigão, muito digno Director Clínico do Hospital Sub-Regional da Misericórdia de Montijo, afim de agradecer as palavras que escrevemos no último número do nosso jornal. Nada nos tem a agradecer o distinto clínico, podendo desde já contar com o nosso incondicional apoio e boa vontade para auxiliar a obra a que está devotado.

Gratos pela gentileza da visita.

Falecimentos

Faleceu na p. p. segunda feira 30, em Montijo o Snr. Alfredo José Lucas Junior, de 56 anos de idade casado com a Ex.ª Sr.ª D. Laura Faustino Lucas e pai do nosso bom amigo Sr. António Luís Lucas.

O extinto, comerciante muito considerado, era irmão do também muito conceituado comerciante da nossa praça Snr. Francisco Vicente Lucas e das Sn.ªs D. Sofia Lucas, Maria José Lucas, Deolinda Lucas e Maria Catarina Lucas.

O funeral que se realizou no dia seguinte para o cemitério local, foi sentida manifestação de pesar a que se associaram muitos amigos da família do extinto.

«A Província», apresenta sentidas condolências à Família Lucas onde desde sempre tem contado com bons e dedicados amigos.

Ateneu Popular

A homenagem que a direcção desta colectividade levou a efeito no passado Domingo, foi sentida manifestação de saudade pela memória do falecido director Henrique de Oliveira Dias, nela tendo participado muitos associados do Ateneu, além de pessoas de família.

O Sr. Acácio Artur Soeiro Soares fez o elogio do extinto, tendo a sepultura do dedicado obreiro da cultura popular em Montijo, ficado juncada de flores e numa homenagem singela, mas significativa, sido colocado um livro de mármore na sua campa, oferta da Direcção do Ateneu.

Empréstimos

Precisam-se

— De 3 a 5.000\$00, com juros a combinar, resposta a esta Redacção ao n.º 101.

— Empréstimo de 10.000\$00, resposta a esta redacção ao n.º 102.

Notícias da Semana

O funeral do Padre Pólvora

(Continuação da página 2)

Do Montijo, vimos: o Sr. Presidente da Câmara e respectivos vereadores, os Bombeiros Voluntários que prestaram a guarda de honra não só à saída do féretro do Templo, como também quando o cadáver desceu à cova, a Mesa Administrativa da Santa Casa, o Orfanato de Montijo, que o Sr. Padre Pólvora dirigiu magistralmente durante muitos anos e ainda uma deputação da Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro com o respectivo estandarte.

Lá se encontravam os estandartes da Sociedade Piscatória, o do Círio dos Atrasados de Nossa Senhora da Atalaia, o dos Descarregadores de Mar e Terra, o da Misericórdia da qual fora provedor, o do Sindicato dos Corticeiros e o do Nacional Futebol Clube. Vimos também as crianças das escolas, e do Externato Sagrado Coração de Jesus.

Os sinos vibraram em toques de tom plangente que se harmonizava com a música Gregoriana dos hinos litúrgicos, entoados pelos clero... O comércio encerrou as portas, em sinal de sentimento.

Dirigiram a organização do funeral o sr. Vice-Presidente da Câmara, a Polícia de Segurança Pública, os Rev.ªs coadjutor do Montijo a Pároco da Moita e isso devido à grande extensão do cortejo que, através da comprida rua Direita, passou por milhares de pessoas que, comovidas, davam o último «adeus» ao seu grande amigo, que quis vir morrer junto deles...

O modesto caixão, que continha os restos mortais do sr. Padre Pólvora, foi conduzido pelos pes-

cadores e pelos operários, que tiveram sempre no bondoso coração do extinto um carinho paternal. Os dois últimos turnos foram feitos pelos seus irmãos no sacerdócio. Podemos quase afirmar que todo o Montijo, com as suas autoridades e associações assistiu ao funeral do sr. Padre Pólvora. E o cadáver do bondoso pastor desceu para sempre à sepultura ao som do hino «Ego sum resurrexio et vita» entoado pelo clero naquela hora em que o Sol, coberto pelo crepe das nuvens, mergulhava triste a sua cor, em pleno Tejo... Até a Natureza, lacrimosa, chorou com o Montijo o desaparecimento do virtuoso Padre como um dia chorara do Poverelo de Assis...

Foi o sr. P.º Pólvora que determinou em testamento da sua última vontade ir para a cova num caixão o mais modesto e ir vestido como Cristo. Por isso o seu corpo ia apenas vestido com as roupas interiores, descalço e coberto com um lençol de linho que herdou de sua mãe e que ela própria fiara.

N. R. — A gravura do Rev.º António Gomes Pólvora que publicamos na 1.ª página, foi-nos gentilmente cedida por empréstimo pelo colega local «Gazeta do Sul».

Só assim nos foi possível, dada a exiguidade de tempo de que dispunhamos, prestar esta última homenagem ao ilustre extinto.

Registamos e agradecemos o calvinado gesto de camaradagem.

AGRADECIMENTOS

Maria Rosa de Sousa Coelho

Sua família vem por este meio agradecer muito reconhecidamente a todas as pessoas que se interessaram pela sua doença, bem como às que a acompanharam à derradeira morada e ainda às que enviaram condolências.

Joaquim Ribeiro Quindera

Sua mulher, filhos e parentes vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que generosamente contribuíram para a ajuda do seu funeral, principalmente dos bairros, Afonsoeiro, Bela Vista e Alto das Vinhas Grandes.

António Carlos Barreiras Sobrinho

Sua família na impossibilidade de o fazer pessoalmente por não lhe ser possível a todos identificar e ainda por desconhecimento de alguns endereços, vem por este meio, profundamente sensibilizada, agradecer a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e o acompanharam à sua última morada.

Joaquina Carneira Zacarias

Seus filhos, netos e parentes agradecem reconhecidamente a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-la à sua última morada.

Coisas que aconteceram... mas não deviam acontecer...

Um artista de grande nomeada, lembrou-se há dias de vir até Montijo, dar dois espectáculos de variedades — Um na S. F. 1.º) e outro na Colectividade do Afonsoeiro.

Ora, da maneira como esses espectáculos decorreram, ficou-nos a desagradável impressão de que se pretendeu vir aqui, somente para arrancar uns cobres ao Zé Pacóvio, sem um mínimo de consideração pelo público e, até com ausência absoluta daquele hrio profissional, que julgamos apanágio de todo aquele que trabalha em frente de uma plateia.

A pouca consideração que o público montijense mereceu ao citado artista-empresário, é motivo de reparo e extranheza, que não encontramos palavras para desculpar, pois que o nosso meio é desde há muito tido como conhecedor e apreciador de bons espectáculos e até mesmo os nossos amadores têm dado sobejas provas de que poderiam se quisessem brilhar no firmamento artístico da Rádio ou do Teatro. Não precisamos citar nomes, mas não temos dúvidas em um dia que seja oportuno enviar ao grande cantor português um convite para assistir a um dos nossos espectáculos. Talvez assim, o prestigioso artista se convença de que isto não é terra de monhés nem andamos por cá todos de barrete enfiado até às orelhas...

Banda Democrática

Segundo nos informam, os elementos eleitos para Corpos Gerentes da B. D. 2 J., não aceitaram os cargos para que forem investidos, sendo por consequência necessário efectuar nova Assembleia Geral em data a anunciar.

Tertúlia Tauromáquica

Conforme já anunciámos é já no sábado que se realiza no Salão de Festas da 1.º Dezembro, o grandioso Baile de Carnaval abrilhantado pela categorizada orquestra montijense «El Dorado» (ex-Ribatejana).

Ovos de Incubação

De pura raça inglesa (Sussex).
Recebem-se encomendas
Jacinto Levy Ramos Dias
Telef. 026 247
R. Almirante Reis, 116-118
MONTIJO

Domingo, 5 de Fevereiro

(Para 18 anos)

Reposição da Super-Produção da M. G. M.

ANA
KARENINE

Com Greta Garbo (a Divina)
e Frederic March

e o filme «suspense»

Os bons
morreram cedo

Quarta-Feira, 8 de Fevereiro

(para 13 anos)

EM
TECNICOLOR

A fuga de
Forte Bravo

e complementos escolhidos

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

5.ª-feira, 2 — *Geraldes*
6.ª-feira, 3 — *Montepio*
Sábado, 4 — *Moderna*
Domingo, 5 — *Diogvo*
2.ª-feira, 6 — *Geraldes*
3.ª-feira, 7 — *Montepio*
4.ª-feira, 8 — *Moderna*

Boletim Religioso

Culto Católico

MISSAS

Dias de semana, às 8,30 e 9 horas na Igreja Paroquial.

Domingo 5 — às 8 horas na Igreja da Misericórdia, às 9 horas no Afonsoeiro, às 10 e 11,30 horas na Igreja Paroquial, às 11,30 horas na Atalaia, às 18 horas na Igreja Paroquial.

Horário da Catequese: 3.ª feira (Projeções e Cânticos) às 10,30 e 15 horas, Domingos — Missa às 10 horas.

Culto Evangélico

Horário dos serviços religiosos na Igreja Presbiteriana, Rua Santos Oliveira, 4-Montijo.

Domingos — Escola Dominical às 10 horas, crianças, jovens e adultos. Culto divino às 11 e às 21 horas.

Quartas Feiras — Culto abreviado com ensaio de hinos religiosos às 21 horas.

Sextas Feiras — Reunião de Oração às 21 horas.

No segundo domingo de cada mês celebração da Ceia do Senhor

Espectáculos

CINE POPULAR

5.ª feira, 2; (Para 18 anos) «Atila» a fenomenal produção de mundos mitológicos e em complementos «Os Três Corsários».

Sábado, 4; (Para 18 anos) «A Idade do Amor» e um filme para dispor bem «Totó Sheik».

Domingo, 5 e 2.ª feira, 6; a produção da Metro (a garantia de um bom espectáculo) em CinemaScope «Tentação Verde».

CINEMA 1.º DEZEMBRO

Sábado, 4; (Para 13 anos) um filme feito com cérebro e coracção «As Aventuras de Tom Sower» e o fantástico filme policial «Alma dum Criminoso».

Domingo, 5; (Para 18 anos) em maravilhoso CinemaScope «Enquanto Dura a Tormenta», Tyrone Power e Susan Hayward e o lindo documentário com touradas, em CinemaScope «O Touros».

4.ª feira, 8; (Para 13 anos) o esplêndido filme espanhol colorido «Noites Andaluzas» e como complemento «O Cavaleiro Destemido».

Quem precisa?

Sabemos de alguém que oferece a quem lhe fizer falta, um par de meias para adulto.

Quem tiver necessidade pode dirigir-se à nossa redacção.

Quem achou?

Brinco de Ouro e Diamantes trajecto da Igreja Matriz ao Cemitério. Gratifica-se quem o entregar na redacção deste jornal.

Telefones de urgência

Hospital, 026 046
Serviços Médicos Sociais, 026 198
Bombeiros, 026 048
Taxis, 026 025
Ponte dos Vapores, 026 425

«ALENTEJANO» E «KIM»

APRESENTAM

Labirinto

CHARADAS ≡ PALAVRAS CRUZADAS ≡ PASSATEMPOS

N.º 1

Correspondência: «LABIRINTO» Redacção de «A PROVINCIA»

AO QUE VIMOS:

Na sua feição de jornal moderno e completo, acolhe hoje «A Província» uma secção retintamente charadística, que vai, despretenciosamente enfileirar ao lado de inúmeras congéneres, às quais, no momento da aparição, saúda com amizade e respeito devidos por quem mantém vivos o interesse e a Chama do Charadismo Português.

Os seus propósitos e a sua finalidade alicerçam-se na difusão enigmística e subordinam-se às vantagens, tidas de há muito como incogáveis, que advém da prática do excelente desporto mental e propagador notável de cultura geral e da Língua Portuguesa, que é o Charadismo nos seus variados aspectos.

Da aceitação e leal acolhimento dos futuros colaboradores é óbvio depender a existência e desejada melhoria de «LABIRINTO».

Com isso o contam, e tanto esperam, os orientadores.

TERNO DE ABERTURA

I — CHARADAS

SINCOPADA — (10 pontos) — *Falho* de senso é todo aquele que quer fugir ao seu destino. 3-2

PROTÉTICA — (10 pontos) — O *Coração*, em pleitos de amor, é litigante muito equívoco... 2-3

II — JORNAIS PORTUGUESES

.....	A
.....	P
.....	R
.....	O
.....	V
.....	I
.....	N
.....	C
.....	I
.....	A

Substituindo os pontos por letras, encontrar-se-ão 10 nomes de jornais portugueses. (2 pontos por cada nome).

III — POVOAÇÕES DE PORTUGAL

Inscrever, nos 3 rectângulos que seguem, outros tantos nomes de povoações continentais portuguesas (cidades, vilas, aldeias ou lugares), devendo o 1.º ter três letras, o 2.º quatro e o 3.º cinco. É indispensável a designação do *concelho e freguesia* a que pertençam desde que sejam de categoria inferior a vilas, a fim de serem valorizados pela soma dos pontos atribuídos a cada letra do alfabeto, segundo a tabela que abaixo se publica.

TABELA DE VALORES

A — 1	F — 18	L — 14	Q — 17	V — 15
B — 20	G — 16	M — 8	R — 6	X — 21
C — 12	H — 19	N — 9	S — 4	Z — 22
D — 7	I — 5	O — 3	T — 10	
E — 2	J — 23	P — 13	U — 11	

PRÉMIO

Ao decifrador que melhor pontuação obtenha no conjunto do «TERNO» será atribuído o útil manual «*Como fazer e decifrar charadas*» da autoria do charadista «Odalac». Em caso de empate proceder-se-á a sorteio. As decifrações devem ser remetidas dentro de 20 dias a contar da data da publicação.

AUXILIANDO... — A decifração das *charadas sincopadas*, baseadas na figura gramatical *síncopa*, consiste na substituição da primeira parcial (o primeiro termo em itálico) por um sinónimo que consista a supressão da sílaba central e que, sem ela, passe a ser sinónimo da segunda parcial (a segunda palavra em itálico); mas de tal maneira que a frase continue correcta e com o sentido inicial. Na sincopada que se apresenta, o sinónimo da 1.ª parcial deve ter três sílabas e o da 2.ª duas. Isto mesmo quer dizer a numeração 3-2 aposta no fim da charada, indicação que se torna obrigatória em qualquer produção charadística, para o ponto de partida do decifrador.

— A decifração das *protéticas*, derivadas de *prótese* gramatical, consiste também na substituição da primeira parcial por um seu sinónimo que, com uma sílaba anteposta, vá construir sinónimo da segunda. E por isso que o 1.º algarismo da numeração desta espécie de charadas é sempre o imediatamente inferior ao 2.º.

José Teodósio da Silva

(Herdaira)

Fábrica fundada em 1900 (em edifício próprio)

Fábrica de Gasonas, Refrigerantes, Soda water, Licores, Xaropes, Junipero, Cremes de todas as qualidades, etc.

Fabricos pelos sistemas mais modernos

6—Rua Formosa 8—Telef. 026 204
Montijo

MOBILLOIL

O lubrificante dos campeões

AGENTES EXCLUSIVOS

Tamarca, L.ª

Telef. 026 152 MONTIJO

Porta aberta

Secção dedicada à colaboração dos nossos leitores

EPISÓDIOS DUM INCÊNDIO

Pela calada da noite, a horas mortas, inesperadamente, ouviu-se um silvo estridente e prolongado que pôs em alvoroço toda a povoação.

Fogo! Fogo! Fogo! — Gritava apavorado o povoleu ao reconhecer naquele apito aflitivo o toque da sirene dos bombeiros, surjindo de todos os lados, mesmo em trajas menores, próprios daquela hora, e correndo pelas ruas prontos a combatê-lo.

Um mar de chamas implacáveis e vorazes, lambendo as paredes dum edifício, lançava para o espaço enormes golfadas de fumo que, subindo em espessos torvelinhos para o céu, se perdiam na escuridão da noite. Do interior daquela egnivoma fogueira ouviam-se gritos lacinantes, verdadeiramente pungentes de dor e desespero, que horrORIZAVAM quem os ouvia.

Daí a pouco ouviu-se o som dum campainha a solicitar «livre trânsito». Alguém gritou: — Vêm aí os bombeiros! — Eram realmente os briosos «soldados da paz» que, conduzidos no seu Pronto-Socorro, acabavam de chegar mais uma vez prontos para, numa sublime abnegação, defenderem os bens alheios com risco da própria vida como é seu apágnio.

As chamas agora pareciam mais erguer-se como que num desafio aos «humanitários milicianos», seus eternos rivais, para mais um re-nhido combate.

Estes pressurosos, tentaram desde logo investir contra a cratera do fogo, bem como socorrer aquela infeliz gente que no meio daquele afigurado holocausto tão alguidamente se debatiam com as chamas. Não havia tempo a perder.

Alvoroçadas, estendem mangueiras, montam bombas, lançam mangas de salvação. Os resultados não se fizeram esperar. Lá em cima, por uma janela, veem-se dois corpos serem enfiados pelo capudo de lona e, daí a instantes, saírem cá em baixo, aos olhos de toda a gente, completamente incólumes. Instantes depois, numa outra janela ao lado, veem-se assomar mais três pessoas e, pelo mesmo processo, serem igualmente salvos. Continuava-se, no entanto ainda a ouvir gemidos. Tratavam-se de duas pobres criancinhas, filhas de um dos salvados, que, lá no alto, num quarto de águas furtadas, nimbados pelo fumo sufocante e debaixo dum calor tórrido se encontravam prestes a perecer.

Sua mãe, cá debaixo, ferida de dor numa infrene gritaria, rogava a salvação dos seus idolatrados filhinhos.

Salvos, era considerado por toda a gente utópico, pois que as chamas cada vez mais assustadoras, não obstante os porfiados esforços dos bombeiros, surgindo em su-

cessivas, serpentes, continuavam a lamber por todos os lados o prédio.

Só um milagre poderia salvar essas pobres inocentes. O cenário era verdadeiramente horripilante!

Eis que de súbito se viu um vulto destemido, num rasgo de indómia heroicidade, desprezando a sua própria vida, enfiar os ganhos dum escada no parapeito já semi-ardido dum janela e, fazendo-se munir de uma simples machada e dum espia, equânime alcançar o 1.º andar e daí, seguidamente, usando do mesmo processo, chegar ao telhado e penetrar por uma pequena janela na mansarda da casa.

Entretanto a multidão, de cá do fundo, seguia todos os movimentos daquele bravo herói, atónita e pasmada. Notava-se um silêncio géldio apenas interrompido pelo carpir das madeiras. A cada segundo que se seguia ao desaparecimento do intrépido bombeiro, correspondia a minutos, talvez a horas, para aquela gente que tão dramática e ansiosamente vivia o momento daquele acto tão pleno de audácia.

Passavam-se já exactamente três minutos. A ansiedade aumentava, os corações a cada momento batiam mais forte em sinal de inquietação. Receava-se a morte daquele homem que tão abnegadamente havia exposto a sua existência em defesa da vida do próximo.

De repente, pelo buraco por onde havia entrado, vê-se agora o mesmo vulto sair sobraçando dois outros mais pequenos. O entusiasmo da multidão foi indescrevível.

Rapidamente, como último obstáculo a vencer, tornou a percorrer a escada, agora de alto abaixo e uma vez já no chão, serenamente,

mostrando-se indiferente a todas as manifestações de que era alvo, dirigiu-se á mãe das crianças, cujos olhos derramavam lágrimas de sangue, e entregou-lhe os filhos sãos e salvos.

Entretanto os restantes esforçados bombeiros entregavam-se a uma luta verdadeiramente titânica na ânsia de dominarem aquele denso e tétrico clarão.

O tempo passava-se, a manhã já havia rompido. O inimigo mostrava-se avasaz e obstinado. A cada momento se ouvia com fragor, como que num grito agonizante de derrota, a queda de fragmentos do edifício dominados pelas chamas. Procurava-se agora, acima de tudo, localizar o incêndio para evitar a sua propagação ás propriedades contíguas. Esse foi o trabalho improbo dos bombeiros durante algum tempo.

Decorridas algumas horas, sem nada de assinalável, a não ser o esforço gigantesco da benemérita milícia, o aspecto do fogo apertava-se muito mais animador. As chamas apresentavam-se quase enfraquecidas, raramente espreitando as janelas, dando a impressão de envergonhadas pela manifesta inferioridade patenteada nessa altura perante os inimigos. A fumarada que antes pelas chamas era expelida para os ares, como que em sinal de eufania pelo seu grande poder, quase desaparecera. Antevia-se já um fim mais ou menos próximo.

Realmente, daí a pouco, ouviam-se gritos de triunfo. Eram os valentes «soldados da paz» que secundados pela enorme população, depois de tão varonil luta exteriorizavam a sua alegria por mais este triunfo, a juntar a tantos outros, ao serviço da humanidade.

Custódio Sabino d'Oliveira

Madrinha Espiritual

Pede-nos o furriel miliciano Fiel Domingos N.º 266 - 53 - Ec. da Bateria de Artilharia de Évora — Damão — Índia Portuguesa, que informemos no nosso jornal, as jovens leitoras, de que gostaria de ter uma madrinha espiritual, pelo que agradece qualquer correspondência, para o endereço que damos acima. Preferiria, é claro, jovem, educada e simpática.

Aqui fica o pedido, certos de que o valoroso soldado da nossa Índia, terá no próximo correio, muitas e muitas respostas, que lhe darão, um pouco de conforto moral e alegria.

O Cair da Tarde

*Calma tarde que pairas docemente
Deixa-me adormecer em teu regaço
Conviva-me a sonhar eternamente,
Envolta p'la ternura do teu espaço*

*Em meu redor há flores que suplicam
Pelo fresco da tua brisa meiga e são
Entoam lindos hinos que dedicam
A' tua calma eterna e doce irmã!*

*O Sol já declina no horizonte!
Andorinhas passam em revoada!
Eu contemplo a beleza deste monte,*

*Após uma tão longa caminhada.
Sobre esta terra criada por Deus,
De joelhos eu olho para os Céus!...*

Teresa Helena

Serviços Municipalizados

D A

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTIJO

Aquisição de dois transformadores de potência de 100 Kva em banho de óleo.

Faz-se público que até às 10 horas do dia 28 de Fevereiro de 1956, recebem-se propostas para o fornecimento em epigrafe.

As condições e mais elementos encontram-se patentes na Secretaria dos Serviços Municipalizados.

Montijo, 28 de Janeiro 1956

O Presidente do Conselho de Administração

(José da Silva Leite)

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTIJO

Aquisição de muros

Até ao dia 17 do corrente pelas 17 horas, aceitam-se propostas para o fornecimento de duas muros para os serviços municipais.

Crónicas Irrequietas - 17

A Gravata

(Continuação da primeira página)

Mais tarde, quando se descobrem as tramóias, grita-se então:

—E punha aquilo uma gravata (e que gravata!) no pescoço!

O que não quer dizer que, ao surgir outro e mais outro do mesmo jaez, se não tornem a abrir as portas e se não torne oferecer o «cansado chá que ferve com esta a sétima vez» e as sobreditas cujas torradas.

Quem diz chá diz, é claro, *cocktail*. As altas sumidades que assim decretam, preferem as bebidas de nome e fama...

Há ainda a gravata do ar-

Gabinete de leitura

Jornal de Sintra — Com a sua edição de 8 do corrente comemorou este jornal o seu 23.º ano de existência.

Dirigido com brilhantismo por António Medina J.º, «Jornal de Sintra» tem sabido manter uma linha de conduta digna de apreço e credora da simpatia de todos os colegas.

O Castanheirense — Outro jornal amigo que o espírito brilhante de Ilídio José Coelho dirige competentemente, prefaz agora vinte anos de publicação.

Cordeais saudações a ambos os colegas.

Relatório e Contas do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa — Recebemos o Relatório e Contas deste importante Banco da Capital, referente ao ano findo que é como de costume documento expressivo da sólida posição deste estabelecimento e como se diz no preâmbulo, afirmação concludente da franca colaboração prestada ao desenvolvimento da Economia Nacional.

Boletim do Banco Português do Atlântico — Regularmente tem chegado à nossa mesa de trabalho o Boletim Económico e Financeiro do B. P. A.

Este que temos presente é o N.º 12 e apresenta-se com todas as suas interessantes e úteis secções e um editorial sobre o Comércio com a Alemanha.

Festa — O número do fim do ano de FESTA é das melhores publicações que temos visto nos últimos anos em Portugal.

Explêndido de concepção gráfica, óptimo quanto a colaboração e cheio de interesse, actualizadíssimo quanto à selecção dos assuntos que profusamente recheiam as suas coloridas e atraentes páginas.

De resto outra coisa não era de esperar da esfusante fantasia e nítido sentido de jornalismo do seu dinâmico director - Gentil Marques.

Parabéns e gratos pela gentileza da oferta.

tista boémio, à La Valière a, gravata laçarote, indolente, quase inerte, que indica poeta ou pensador bilioso, a do banqueiro à espreita, a branca do noivo, e a preta dos criados solenes e do luto.

Isto está tudo estatuído e devidamente regulamentado pela tal Sr.ª Sociedade legislativa; e aí daquele que infringir estes preconceitos e regulamentos!

O mais engraçado, porém, é que estes preconceitos e regulamentos perdem o rigor matemático no verão.

Nessa estação do ano reina a máxima liberdade e desregramento!

Atira-se fora a gravata, esgargala-se o gorgomilo, e anda tudo de peitoral à vela, expondo satisfatoriamente as emaranhadas selvas ornamentais!

E depois não querem que eu diga que isto é um grande manicómio! Pois se não é um grande manicómio não sei que seja, ou já não sei que seja um manicómio...

Nestas contumélías todas, o principal é ser chique, ilustrar a moda, enganar a vista do próximo, para se obter o diploma de distinto e poder, à vontade, manobrar no vasto circo das habilidades.

Pois eu tenho visto, neste mundo retorcido, muita gente com gravata e sem gravata; e posso jurar que muitos engravatados não valem um pataco falso, enquanto alguns desengravatados (fora dos verões) se impõem à minha consciência.

Não sei se me entendem...

Eu não implico, desta feita, com os que usam ou não usam esse ornamento distintivo. O que me choca, é o critério estabelecido, a determinação draconiana, o desprezo que se dá a uns e a aquiescência pacóvia que se dispensa a outros, — aquela diferença estigmatizante que se tornou lei inflexível.

E o que me obriga a reflectir é, justamente, o facto de ser tão grave falta no outono, no inverno, e na primavera, e ser tão formosa graça no verão!

E é por isso, — podem acreditar —, que também trago a minha gravata modesta; que, por vezes, me arrelho ao fazer do nó documental; que a ponho sempre, quer chova e esteja frio, quer haja calor e andemos a assoprar a sombra das árvores amigas...

Quanto ao mais, já sei, — já sei, meus senhores! —, que continuarão a pôr e a não pôr esse objecto tão significativo, e que as estrelas continuarão a tremeluzir e a admirar este vale de lágrimas, — de «muytas e desvayradas gentes».

Álvaro Valente

Cuidemos da saúde pública

Obtenção de bom leite alimentar

por Horácio Pereira Magro

O leite como é do conhecimento de todos, é a base principal da alimentação dos recém-nascidos, das crianças e dos doentes. O homem, reconhecendo nele um alimento de grande poder nutritivo e de fácil digestibilidade vem desde há séculos utilizando-o na sua alimentação e tirando dele vários produtos, entre eles a manteiga e o queijo.

Entre nós o animal mais explorado na produção de leite, é sem dúvida a vaca turina, pela quantidade que produz.

O leite compõe-se fundamentalmente de, água, gordura, lactose, substâncias albuminoides, sais minerais, etc., entrando estes elementos em percentagens variáveis, consoantes a fêmea donde provém.

Como é um líquido de origem orgânica, proveniente da secreção glandular das fêmeas dos mamíferos, está sujeito a várias alterações devido à acção de certos microorganismos trazidos do próprio úbere e outros adquiridos do exterior no acto da mungidura, necessitando, para que se evite a sua alteração dos mais indispensáveis cuidados higiénicos.

Pelo leite podemos contrair um certo número de

doenças, como por exemplo a tuberculose, cujo meio de transmissão pode ser o homem ou o animal, o tifo e a febre tifóide.

A tuberculose humana pode ser propagada pelo ordenhador, se este estiver infectado dessa terrível doença, simplesmente pelo contacto das mãos com o úbere do animal e ainda pelo péssimo defeito que a grande maioria dos nossos ordenhadores tem de salivarem as mãos quando executam a ordenha ou molharem os dedos no leite para facilitar o trabalho.

A outra forma é transmitida pelo próprio leite quando o animal produtor está atacado da doença, principalmente de mamite glandular tuberculosa. O micróbio desta forma de tuberculose — segundo opinião dos grandes médicos — não é tão prejudicial à saúde das pessoas adultas por o seu organismo resistir à acção do micróbio, tornando-se mais perigosa para as crianças.

Sobre o contágio do tifo e da febre tifóide, podem ter a sua origem simplesmente nos estábulos e nos ordenhadores pouco limpos e que contrairam a doença, ou por águas duvidosas empregadas na lavagem das

vasilhas de recolha e transporte do leite.

A alimentação do animal é um factor importantíssimo para a obtenção de bom leite em quantidade e qualidade.

Ela deve ser fornecida com método, abundância, (não em excesso) ser sã e nutritiva, banindo-se todos os alimentos que pela sua constituição, transmitam mau gosto ao leite, como por exemplo: fenos e palhas bolorentas, forrageas fermentadas, fenacho ou trevo, rama de batateira, aboboreira, erva canalinha, etc..

Se é absolutamente indispensável um estábulo higiénico e uma alimentação bem cuidada, não é menos importante uma ordenha executada com asseio, método e rapidez. Assim, focarei os pontos principais, embora não constitua novidade para muitos, como deve ser executada.

Antes de tudo deve-se lavar convenientemente o úbere do animal, parte do abdómen, pernas, flancos, e cauda e limpar todas essas regiões com um pano bem limpo. Em seguida deve-se lavar as mãos com sabão e limpá-las, tirar as primeiras gotas de leite de cada teta para um recipiente e deitar fora do estábulo essa pequena porção de leite. E' nessas gotas que se encontram milhares de micróbios, uns provenientes do próprio animal e outros do estrume, que se infiltraram pelo orifício das tetas durante o tempo que aquele se conservou deitado.

Porém, se forem juntar ao leite obtido na mungição, esses seres microbianos encontrando meio favorável ao seu desenvolvimento, alteram-lhe a constituição química e microbiológica, tornando-o por vezes impróprio para o consumo.

Quanto a execução, a ordenha deve ser perfeita e metódica, com as duas mãos colocadas em diagonal, sem interrupções e até à última gota — ordenha a fundo. Depois do úbere esvaziado, deve-se dar uma massagem e voltar-se a ordenhar. As últimas porções são as mais ricas em gordura.

Após a ordenha, o leite deve ser retirado do estábulo imediatamente, coado e guardado em sitio fresco e limpo, livre de poeiras e cheiros.

Sem estas condições que acabo de expor, não é possível obter um leite alimentar com os mínimos requisitos indispensáveis para ser consumido.

Telefone 026 379

Dava boas Fotografias

Foto Montiiense

DESPORTOS

Futebol

Campeonato Nacional da 2.^a Divisão

Uma equipa mal preparada, não pode fazer bons resultados...

Coruchense, 5 - Montijo, 0

Para quem não assistiu ao encontro em Coruche e soube do resultado no fim do primeiro tempo, poderá parecer estranho que no «término» do jogo, o C. D. M. averbasse a pesada derrota de 5 golos negativos.

Todavia, o que sucedeu, foi tudo o mais normal possível, apenas com a diferença do resultado ser acumulado em 45 minutos, quando poderia ter sido repartido pela hora e meia legal da partida.

E se assim aconteceu, podemos atribuir ao sistema estratégico apresentado pelos montijenses que acatellados na defesa, faziam gorar todas as tentativas dos visitados em concretizar os repetidos ataques que organizavam. Também não descuravam os visitantes os problemas de ataque, onde José Paulo, recuado, distribuía o jogo, preferindo Ernesto a Raul. No entanto, logo o espectador se apercebeu que seria difícil ao C. D. M. lograr golo, pois o n.º 5 de Coruche, sem preocupações de marcar adversário, acorria facilmente a todos os lados, onde o colega não conseguia resolver o problema. Concluindo; no primeiro tempo, com a equipa montijense ainda possuída de recursos físicos, assistimos ao assédio dos coruchenses, bem neutralizado pelo adversário que não mostrava porém possibilidades de marcar. Considerando as oportunidades de golo feito e a característica atacante que manifestou no decorrer desta meia partida, mereciam os coruchenses vencer, por uma ou duas bolas de diferença.

Antes de iniciarmos a apreciação da 2.^a parte, queremos referir um pormenor que consideramos de maior importância para as boas ou más actuações da equipa montijense. A sua manifesta má forma física, pois a maioria dos jogadores que a compõem, não estão, eticamente, bem preparados, para a prática de hora e meia de futebol moderno, com táticas pré-concebidas que necessitam ser realizadas tal como se tinham posto no tabuleiro.

Julgamos saber que a culpa é dos próprios futebolistas, pelas suas faltas às sessões de educação física. Mau caminho têm percorrido, pois as vítimas principais da sua incuria são eles próprios. Bem o sentiram no passado domingo, ao saírem vergados pela pesada derrota, castigo merecido pela falta de brio, de vontade e de querer. De nada vale ao atleta, desde que não esteja preparado fisicamente, a sua intuição para a prática do desporto, a inteligência que possa pôr ao serviço do jogo ou a melhor bagagem técnica de que esteja possuído. A base para a prática de qualquer modalidade desportiva, em condições de êxito, é uma preparação ginástica cuidada em que o atleta sinta ligeireza de movimentos, auto-confiança nos seus recursos e convencimento absoluto de poder defrontar o adversário sem receio. E mais vos digo: não discutam quando a derrota se avoluma, porque as culpas são divisíveis por onze e nenhum, especialmente, naquela altura, tem culpas de maior.

A 2.^a parte começou, praticamente com um golo do Coruchense por intermédio de Rodolfo. Este ponto mais espicaçou a equipa que demonstrou vir animada dos melhores desejos em modificar o resultado, de modo a que a rodagem que estão fazendo para a fase final do campeonato não sofra complicações.

E pronto, estava encontrado o vencedor lógico. Era uma ques-

tão de mais ou menos bolas marcadas. Ora como a equipa montijense tinha dificuldade em corresponder à velocidade de jogo empregada pelos adversários, mormente Rocha, João e Dr. Diógenes, os golos foram aparecendo numa cadência regular, sempre em lances onde um coruchense chegava primeiro. Alguns dos «tentos» marcados foram espectaculares, principalmente o segundo e o terceiro, ambos de dois africanistas — João e Diógenes que brindaram o seu público com uma magnífica exibição, à base de poder atlético e velocidade.

A fragilidade da nossa equipa, onde o labor de Fábregas, Santana, Neto e Barragon e a atenção de Redol, não chegava, veio mais ao de cima, pelo desgaste que sofreu no corpo a corpo com a equipa do G. D. «O Coruchense», composta de jogadores pesados e muito sabedores das artes de jogar a bola. Na segunda parte só a vontade e o sangue juvenil dalguns dos rapazes do Montijo conseguiram que a equipa não se afundasse e terminasse o encontro lutando,

inglòriamente, pelo ponto de honra.

Da arbitragem nada de especial a assinalar, salvo a má interpretação dalgumas faltas de que o infractor coruchense saía beneficiado. Não queremos fazer insinuações porque admitimos o erro. Não podemos porém deixar de assinalar o mau serviço prestado ao Futebol pelo «liner» que actuou do lado da bancada, mostrando pouco interesse pelo decorrer do encontro e questionando com os espectadores que perto se encontravam. Melhor seria ter assinado o «fora de jogo» de que foi precedido o 5.º golo por Panoias, a passagem de João que recebeu a bola ilegalmente.

O encontro começou às 16 horas, em virtude da visita que o Sr. Arcebispo de Évora, Rev. Dr. Manuel Trindade Salgueiro, fez à risonha e próspera Vila de Coruche.

As equipas alinharam; G. D. Coruchense — Sérgio; Bailão e Narciso; Veríssimo, Prates e Rocha; Panoias, Manuel Jorge, João, Rodolfo e Dr. Diógenes.

C. D. Montijo — Redol; Serralha, Cacheirinha; Neto, Barragon e Santana; Fábregas, Raul, José Paulo, Mora e Ernesto.

Arbitragem — Hermínio Soares, Mário Costa e Mário Pinto.

Manuel Lino

Clube Desportivo de Montijo

A Comissão Pró-Biblioteca leva a efeito no Salão de Festas do Clube, no próximo domingo, dia 5 de Fevereiro, um interessante baile denominado: «NOITE CARNAVALESCA».

Columbofilia

As competições columbofilas, constituem uma das modalidades mais populares em todo o mundo. Em diversos países, são subsidiadas, estimulando-as.

Infelizmente em Portugal, está entregue a si própria e que nos conste nada se legislou ainda no sentido de a desenvolver.

Subsidiem-se outros desportos deixa-se no olívio estas agremiações tão úteis à humanidade.

Prestes a iniciar-se a época de 56; são para vós as palavras dos amigos do pombo correio, que de alma e coração, tomaram o encargo de angariar prémios para a próxima campanha.

E evidente que só a nossa boa vontade, nada poderá fazer, sem a vossa colaboração. As obras não nascem, são producto da inteligência e actividade dos homens, sejam em que sector for, e assim se não encontrármos o vosso acolhimento, nada de útil poderemos fazer.

Uma taça, uma medalha, qualquer objecto, qualquer importância em dinheiro, que nos ofereçam, além de ser para nós uma valiosa dávida que poremos em disputa, irá propagandear o vosso comércio e indústria, enriquecendo o nosso calendário, aumentando o interesse pela competição.

Eis porque aparecemos, porque desejamos, acima de tudo desenvolver a columbofilia, tornando-a conhecida, convictos de que só assim poderemos mostrar que é o desporto mais belo e útil que se pratica.

Agradecendo

A bem da Columbofilia

A Comissão

Lista de prémios oferecidos até esta data para a CAMPANHA DE 1956

Isidoro Maria de Oliveira, uma taça, para ser disputada na prova de Madrid; António Rodrigues Tavares, uma taça, para ser disputada na prova de Faro; Severiano Manuel de Sousa, duas taças,

para serem disputadas em provas a designar; João Manuel dos Santos, uma anilha de prata, para prova a designar; Cabelheiro Tobias, uma taça, para prova a designar; Barbearia Gervásio (Cartaxo), um frasco de perfume, para prova a designar.

N. R. Qualquer prémio ou donativo pode ser entregue na nossa redacção ou na sede da Sociedade Columbofila, sita na Rua Miguel Bombarda, Montijo.

Basquetebol

Montijo, 28 - Luso, 27

Sob a arbitragem do sr. Bernardo Soeiro, defrontaram-se no passado domingo, dia 29, as equipas do Montijo e Luso a contar para o Torneio Regional de Júniores.

MONTIJO (13 cestas e 2 lances livres transformados em 9 tentados).

Amadeu, Heitor, Teodemiro (4), Elislário (21), Luciano (1), Filipe, José Maria (2) e Elizeu.

LUSO (12 cestas e 3 lances livres transformados em 9 tentados).

Esteves (5), Norberto, Elídio (8), Carvalho, Costa, Rodrigues (6) e Martins (8).

Por diversos comentários ouvidos, sabíamos que havia certa curiosidade em ver em acção a equipa de Júniores do C. D. M.

Os bons resultados por ela obtidos não eram estranhos e daí o interesse suscitado no adepto sempre ávido de novidades, na sua apresentação desta época e só possível por o eterno problema da electrificação do campo ainda não estar resolvido.

Concurso de Prognósticos

(2.^a Fase)

Galeria dos Ases de Futebol Montijense

Despertaram desusado interesse as primeiras informações que publicámos sobre a 2.^a fase do nosso Concurso

Alguns leitores se nos dirigiram por escrito lamentando a sua imprevidência, por não terem colecionado os talões que desde o início do nosso concurso temos publicado e pedido para guardar.

No entanto, para descanso de todos, informamos que esse facto não prejudica os concorrentes da 2.^a fase, pois podem da mesma forma concorrer, desde que adquiram a Caderneta-Album que, em breve será editada.

Para que servem então os referidos talões? Para serem trocados por uma senha numerada que os habilitará ao sorteio monumental.

Entretanto; o Grande Concurso de Prognósticos continua a sua marcha triunfante e é com prazer que anunciamos o resultado desta semana:

António Joaquim Anjo

Residente na P. 1.^o de Maio, 5 - Montijo - ganhou 300\$00 em compras

Tendo acertado em 13 resultados

Corte a cabeça deste cupão e guarde-o

CUPÃO N.º 18

Concurso Prognósticos de Futebol de «A Província»

CORTE POR AQUI

Zona Norte		Zona Sul	
Chaves	Leixões	Arroios	Portaleg.
Leões	Espinho	Montijo	Elvas
Vianense	Peniche	Farense	Coruchense
Tirsense	Guimarães	Oriental	Estoril
Sanjoanense	Salgueiros	Beja	Olhanense
Viseu	Gil Vicente	Montemor	Olivais
U. Coimbra	Boavista	Juventude	Portimon.

Nome

Morada

Localidade

«A Província»

Cupão N.º 18

Prémio desta semana

Para o concorrente que acerte em maior número de resultados (exceptuando todos os resultados).

300\$00

em compras em estabelecimento à escolha do contemplado.

E ainda mais 2 prémios Ao concorrente que acerte em todos os resultados

1.000\$00

Em compras, em estabelecimento à escolha do contemplado.

Prémio extra

Se for sócio do Ateneu Popular de Montijo terá mais o seguinte prémio: Uma viagem a Espanha em auto-carro, no próximo mês de Abril de 1956 (passaporte incluído).

Cada leitor pode concorrer com qualquer número de prognósticos.

O prémio desta semana será entregue a partir de 5.^a feira-dia 9.

Enviar os prognósticos até às 12 horas de Domingo.

Luciano Mocho

do Minho ao Guadiana

Alcochete

Por mais duma vez se tem feito sentir a premente necessidade da continuação da estrada municipal, Alcochete-Atalaia, compreendida no troço que vai do Alto da Atalaia até entroncar com a que segue para o Montijo e Alentejo e que está interrompida por uns escassos 400 metros de extensão, por falta dos respectivos trabalhos de construção na área a cargo do Município do Montijo. Espera-se que, com a boa vontade das pessoas que actualmente dirigem aquela Câmara Municipal, em breve o problema seja resolvido.

Coruche

No domingo, 29, visitou esta vila, em visita oficial, o sr. D. Manuel Trindade Salgueiro, arcebispo de Évora. Foi brilhante a recepção, em que tomaram parte as autoridades locais, Legião Portuguesa, organismos corporativos e culturais, associações recreativas, crianças das escolas e seus professores, ranchos das casas agrícolas, etc. No salão paroquial realizou-se uma sessão solene de boas-vindas.

Alhos Vedros

Promovidos por uma comissão de associados da Sociedade Filarmónica Recreio e União de Alhos Vedros, vão realizar-se pela primeira vez os jogos florais nesta vila, sob a designação de Jogos Florais da Primavera de 1956, que incluem os seguintes géneros literários: poesia (quadra popular, soneto, etc.) prosa (conto, novela, etc.) e artes

INDO ao encontro de muitos pedidos que nos têm sido feitos, publicaremos todas as semanas esta secção, agora especialmente destinada ao noticiário enviado pelos nossos correspondentes.

Agradecemos pois, aos nossos dedicados colaboradores espalhados pelo país, o favor das suas notícias sempre e que as originais devem estar em nosso poder, até à 2.ª feira que antecede a saída do jornal.

plásticas. Os respectivos trabalhos deverão ser entregues até 31 de Março próximo, tendo no original o pseudónimo ou divisa adoptados pelos autores e, em carta lacrada, o nome e morada respectivos. Quaiquer informações ou outros esclarecimentos poderão ser fornecidos pela comissão organizadora ou pelo telefone 024067 depois das 20,30 horas.

Palmela

Sociedade Filarmónica Palmelense (Loureiros)

Assistimos no passado Domingo 15, a um dos espectáculos de variedades organizados por esta centenária Sociedade, com a colaboração do Grupo Cénico e da Orquestra Privativa.

Este espectáculo de «Ritmos e Luz» surpreendeu-nos pelo seu conjunto, pois julgamos impossível ultrapassar em beleza, em arte, tudo quanto estes amadores nos deliciaram com as variedades apresentadas.

Só o muito trabalho, a par da boa vontade e colaboração de todos os componentes poderiam pôr de pé este espectáculo de grande nível artístico que saudosamente vimos chegar o fim.

Salientamos o incansável ensaiador sr. Lúcio Borges e o dinâmico director de

Orquestra sr. Manuel Sequeira Paula.

Dos artistas destacamos o locutor e «compère» com graça natural, Maria Aldegundes Ribeiro, Manuela Paula, Didi Cardoso, Maria Cristina de Almeida, etc.

Consta-nos que a Direcção desta velha Sociedade está demissionária, mas daqui a saudamos, apresentando-lhe os nossos parabéns e desejamos ao futuro elenco directivo que continue tão maravilhosa obra dos seus incansáveis antecessores.

Adegas Cooperativas da Região de Setúbal

No seguimento da política definida pelo Governo e que está a ser executada pela Junta Nacional do Vinho, Comissão de Vinicultura da Região dos Vinhos Verdes e Federação dos Vinicultores do Douro, a União Vinícola da Região de Moscatel de Setúbal submeteu à apreciação do sr. ministro da Economia o Plano de Adegas Cooperativas a instalar na sua área.

Esse plano que mereceu a concordância do organismo coordenador e a aprovação do sr. ministro da Economia, compreende a construção das seguintes adegas: Palmela, com a capacidade de 6.500 pipas; Poceirão,

Pinhal Novo

Sociedade F. União Agrícola Assembleia Geral

Realizou-se na noite de 29, nesta casa de recreio, uma Assembleia Geral, para eleger os novos corpos gerentes para o ano de 1956.

Presidiu o sr. Alvaro da Costa Tavares. O sr. Presidente da Direcção antes da ordem dos trabalhos, leu uma exposição, informando a Assembleia do que pôde fazer durante a sua gerência, apresentando também uma proposta para que se considerassem sócios beneméritos da colectividade os ex.^{mo} sr. Samuel Lupi dos Santos Jorge e a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Cândida Lupi dos Santos Jorge, em virtude da benemerência que sempre têm mantido para com a Sociedade.

Posta a aprovação a proposta da direcção, foi a mesma aprovada por aclamação.

4.000; Pinhal Novo, 3.500; Quinta do Anjo, 3.200; Algezuze, 2.500.

O custo total destes empreendimentos é de cerca de 15 mil contos e será satisfeito pelas subscrições dos vinicultores, Fundo Corporativo da Vinicultura e empréstimos da Junta de Colonização Interna, ao abrigo da Lei de Melhoramentos Agrícolas.

A construção das adegas começará pelos principais centros produtores — Palmela e Poceirão —, devendo os respectivos trabalhos iniciar-se ainda este ano.

mação, ouvindo-se uma prolongada salva de palmas.

Em seguida procedeu-se à eleição de corpos gerentes, que teve o resultado seguinte:

Assembleia Geral

Presidente: Alvaro da Costa Tavares; Vice-Presidente, Rui da Costa Xavier; 1.º Secretário, António Jacob Franco; 2.º Secretário, António Cardoso Esteves; Escrutinadores, Joaquim F. Marques e Francisco da Cruz Roque

Direcção

Presidente, José Augusto Esmael Baltazar; Vice-Presidente, João Martol; Secretário, José Luís Jordão Valente; Tesoureiro, José Frederico dos Santos; Vogais, Manuel Domingos Fialho e Carlos Coutinho.

Conselho Fiscal

Presidente, Bernardino Cruz Curado; Secretário, Joaquim Fernandes Fulgêncio; Relator, João Pessante.

A semana histórica

Coordenação de Frei Agostinho de Penamacor

JANEIRO

Dia 22 — 1565 — Estácio de Sá embarca na praia de São Vicente com destino às Terras de Santa Cruz, onde fundou a cidade do Rio de Janeiro.

Dia 23 — 1905 — Morre o caricaturista Rafael Bordalo Pinheiro.

Dia 24 — 1865 — Nasce o oficial Sanches de Miranda, herói de África.

Dia 25 — 1516 — O Imperador Carlos V nomeia procuradores para tratar, com os de D. João III, da questão das Molucas.

Dia 26 — 1800 — Nasce António Feliciano de Castilho.

Folhetim de «A Província»

N.º 41

O segredo do espelho

por

Augustus Muir

De tempos a tempos uma frase, um novo promenor, mas desta vez com mais calma e perfeita intimidade.

Soube então porque Lucille tinha hesitado em me revelar as relações de seu pai com a infame Claudette Melmoth.

Se um homem tinha sofrido por um erro da mocidade, era bem o caso de John Paradene.

— A publicação daquelas cartas te-lo-iam decidido — repetia Lucille. Ele deu importantes quantias para as ver destruídas... e Roger German sabe-o muito bem.

O longo silêncio que se

seguiu foi interrompido por um barulho vindo do rés-do-chão.

Alguém me chamava, e gritei para assinalar a minha presença, precipitando-me a correr pela escada de pedra.

Uma chave girou na feia e a porta abriu-se completamente.

— À luz incerta da manhã que rompia, perfilava-se diante de mim a silhueta de Dunstan.

Estava livido com um morto com a face esquerda ferida, e a respiração ofegante. Teve que se apoiar à parede para não cair.

— Pensei que vos tives-

sem assassinado... como «Mister» Paul.

Segui-o amparando-o cambaleante, até à cozinha, onde ele se deixou cair sobre uma cadeira.

Passados poucos momentos, começou a contar que «Mister» Roxburgh mandaria avizar logo que as estradas estivessem livres, depois retrocedera para o Castelo, mas encontrara horríveis dificuldades. Ao chegar já noite avançada fora compelido sob a ameaça de um revólver a subir aos andares superiores.

Ele e sua mulher tinham passado grande parte da noite no quarto. E logo que a manhã começara a romper encheram-se de coragem e arrombando a fechadura, conseguira libertar-se.

Mas o espectáculo que se lhe deparou ao descer a escada, deixou-o petrificado.

Um homem mascarado, vestido com comprida capa, estava de joelhos no corredor, junto da parede e corria

as mãos enluvadas pelos painéis de madeira que a cobriam.

Era muito tarde para Dunstan bater em retirada.

O homem levantou-se de um salto e alcançando-o deu-lhe um violento soco, que o atingiu na face esquerda. Quando o velho se conseguiu levantar, o misterioso mascarado tinha desaparecido.

Era evidente que o desconhecido, não queria continuar as suas manobras à luz do sol.

Uma coisa me havia ferido particularmente a minha observação e suscitou em mim uma vaga esperança.

Quando fiquei só na casa de jantar com Lucille, disse-lhe que em minha opinião tinha-mos agora oportunidades de reaver as cartas.

— Roger German, ainda não as encontrou — insisti — Dunstan encontrou o

esta manhã ocupado em as procurar.

— Já refleti bastante sobre esse promenor disse ela — e pergunto a mim própria se o homem seria realmente Roger German.

— Porque não há-de ser ele? — perguntei admirado de que no cérebro da jovem subsistisse ainda esta dúvida.

— Simplesmente porque esse homem trazia uma máscara — respondeu-me ela — Porque razão Roger German necessitava esconder o rosto? Ele não ignora que eu sei tudo e estou ao corrente do que ele pretende desta casa. Não é a primeira vez que me veio a ideia de que não estará outro interessado no assunto.

— Julga que o outro amigo de Félix Swinburn, poderá ter também conhecimento dessas cartas? — perguntou Lucille.

— Nada posso garantir a esse respeito — respondi.

(Continua)

ACTUALIDADES DO MUNDO

Página de

Luís Bonifácio

ÁFRICA OCIDENTAL
FRANCESA

RABAT

Residência de Sua Magestade

Rabat capital de Marrocos, e residência de Sua Magestade, é uma das quatro cidades imperiais e residência do Sultão. Como outras, Rabat compreende uma *médina*, um *mellah* e a parte moderna de largas avenidas, e numerosos jardins, tornando-a um dos mais belos locais da África do Norte.

Foi fundada pelo primeiro sultão *almohade* Abd el Maumene, no séc. XII. Rabat foi engrandecida por Yacoub el Mansour, que fez dela capital.

Entre os vários monumentos destacaremos a Torre de Hassan, do séc. XII, cujos muros têm a espessura de 2,50 m.. A torre de

Partindo do «baulevard» Gallieni, deve-se continuar pela avenida Dar El Makhzen e o trajecto Lyautei.

Na avenida Touargas, deve-se visitar os edificios administrativos e a residência geral, o Mausoléu do Marechal Lyantey e o palácio de S. M. o sultão. A população de Rabat é de 170.000 habitantes, cujos 50.000 são europeus e 120.000 marroquinos. Possui ainda um Museu de Artes Marroquinas em Oudaia, um Museu de Antiguidades, na rua Coli, e Biblioteca geral do Protectorado, na avenida Biarnay.

No lugar de Rebate concentraram-se, pelo ano de 1150, forças militares importantes que Abdelmúmen destinava à conquista de Espanha. O acampamento tornou-se permanente e logo, em volta dele, surgiram alguns edificios; mesquita, palácio, caserna, além do aqueduto que ia buscar água a um manancial distante.

O sultão pôs ao novo povoado o nome de Almadia em homenagem à memória do Madi (messias) Ibne Tumerte, criador da dinastia almoadá e fundador do seu grande poder no ocidente muçulmano. Em 1163, decidido a levar por diante a conquista definitiva da Espanha, em cujas terras levantineas o renegado espanhol Ibne Mardanixe resistia ao invasor, Abdelmúmen chegou à foz do Bu Regreg, procedente de Marraquexe, e reuniu, como se pode ler no Cartaz, trezentos mil cavaleiros e cem mil peões, além de oitenta mil voluntários; as tropas ocupavam uma extensão considerável que ia até à barra da Mamora, 40 km. mais ao norte. Mas Abdelmúmen faleceu no acampamento em Maio daquele ano, sem poder realizar a sua intenção. Sucedeu-lhe o califa Abu Iacub, que conseguiu estabelecer a autoridade almoadá em toda a Espanha árabe e que veio a morrer no ano de 1184, quando ia a caminho de Évora, de regresso de Santarém, onde cercara o rei D. Afonso Henriques. Foi Abu Iúçufe Almançor, filho deste emir, quem deu à povoação de Almadia o seu nome actual.



Hassan é a irmã inacabada da Koutoubia de Marrakech e da Giralda, de Sevilha. As portas da cidade são o sítio mais sedutor para os turistas.

Saindo de Rabat pela porta de Zaer, tem-se o prazer de admirar os muros da antiga Chella.

Este sítio foi muito frequentado na antiguidade e os Fenícios aqui estabeleceram a primeira feitoria.

Bastião avançado de Roma durante longos séculos, Sala Colonia mantém depois da queda do Império uma vida de fé berbere e latina.

Ela foi, diz-se, definitivamente abandonada a meio do séc. XII pelo local actual de Salé.

Visitar Mazagan e a Cisterna Portuguesa

Mazagan foi construído no local onde existiu o Portus Rutilis. Em 1502, os portugueses elevaram a cidade europeia, tendo evacuado a praça em 1769, sob a pressão de Sidi Mohammed Ben Abdllah.

Foi então reedificada por volta de 1815 por Moulay Er Rahmane.

Encontra-se situado junto a uma magnífica baía, próximo da foz do rio Oum e Rabia. A cidade actual de Mazagan compreende, propriamente a vila marroquina, construída em meio círculo, e à volta a cidade europeia de Dou KKala, que é a capital de distrito da região.

Sítios e Monumentos Notáveis

Aqui podem-se visitar as muralhas, as portas armoriadas, o velho castelo forte de conquistas portuguesas, com a sua sala de armas do séc. XVI, obra prima arquitectural transformada; a igreja de Assunção, antigo edificio paroquial, construída também pe-



Muralhas e Porta do mar

los portugueses na primeira metade do séc. XVI; os dois parques da cidade e a floresta vizinha. Note-se ainda, igualmente, o palácio do Paxá, maravilhoso conjunto de puro estilo mourisco.

Distracções

Entre as muitas distrações com que conta Mazagan é de salientar o Teatro Municipal e diversos cinemas. Possui ainda uma das mais belas praias da costa que se prolonga por diversos quilómetros. O marechal Lyautey qualifi-

cou Mazagan de «Deauville marroquina».

A população da cidade anda à volta de 50 mil habitantes cujos 6 mil são europeus.

Próximo de Mazagan — a escasos quilómetros Azemmur. Esta cidade é velha, muito pitoresca e foi muito conhecida durante a dominação portuguesa.

Compõe-se de quatro bairros: a Kasbah de muros coroados de cegonhas, a Médina, a Zaouia e o de Mellah.

Moulay Abdallah, situada a 10 quilómetros de Mazagan, é um local de peregrinação muçulmana muito frequentada. A pouca distância a velha cidade de Tit que encerra ainda vestígios da cerca e uma torre.

O Cabo Branco, situado a 17 quilómetros, numa enseada muito pitoresca, é um dos pontos de maior interesse da costa.

Laguna piscatória de Sidi Moussa a 40 quilómetros povoada de pássaros aquáticos, muito propícia ao desporto do remo.

Oualidia, situada na estrada costeira a 82 quilómetros é uma estação balnear muito frequentada. A sua «Kasbah» foi edificada em 1634 pelo sultão Moulay el Oualid.

Sua Magestade o sultão Sidi Mohammed mandou edificar dois palácios junto à praia, muito admirados pelos turistas estrangeiros.

Visita a Mazagan

Entrando na cidade pela estrada de Casablanca ou de Safi, pára-se junto da praça Lyautey ou, mais adiante, junto à célebre praça Morteo. Para entrar propriamente na cidade deve-se seguir pela sua Carreira. Aqui a igreja da Assunção que não deve escapar aos olhos dos estrangeiros. Muito próximo a rua Mina que dá acesso ao passeio das muralhas, levando-nos à porta do mar.

Pasando esta porta entramos na rua da Carreira e, no n.º 99, encontra-se a entrada da cisterna portuguesa. A visita deverá ser completada com um passeio pela magnífica praia e o jardim público «Pare Paul-Doumer». Pode-se, igualmente, visitar o farol.

Meknés

Deve o período de prosperidade ao Sultão

Moulay Ismaël

Chegámos a Meknés quando o Sol descia sobre o poente. Laivos encarnados iluminavam a velha praça de EL Hedime e a porta Bab Mansour — centro de cavaqueira.

Recolhemos ao hotel cedo e, depois de jantar, infiltrámo-nos num dos «dancigs», até tarde.

No dia seguinte logo de manhã fomos visitar a cidade nova, europeia, construída sobre a planura d' El Hamria. De tarde entramos nas «medersas» dos Adoul e Bau Anania; vimos os «souks», pois por Bab Berina vai dar-se à rua das «bijoutiers» vendidas por muitos judeus.

Presente ainda junto ao mausoléu de Sidi ben Aïssa, marabuto

venerado, patrono da célebre confraria dos Aïssaouas.

As indústrias mais importantes de Meknés, são as Caves cooperativas, silos, fábricas de fição e de tapetes, conservas de frutas e legumes.

Como distrações oferece ao turista: cinemas, «dancings», desportos, piscinas, conservatório de música, biblioteca, feira anual e Ski em Ifrane e Azrou. Tem ainda os Museus, Dar Jamaï, e das Artes



marroquinas, o Jardim El Haboul e o Parque Zoológico.

A 10 quilómetros de distância Le Tizi N'Tvetten a 2.100 metros de altitude.

A população anda à volta de 177.000 habitantes, cujos 140.000 são muçulmanos; 15.000 israelitas e 22.000 europeus.

Dizem as crónicas que no século XIII os Mérinides ali se instalaram não sem dificuldades.

Todavia no séc. XVII que nela começa o mais belo período de prosperidade com o sultão Moulay Ismaël (1672-1727), contemporâneo de Luís XIV, tendo feito de Meknés um «Versailles marroquino».

Reminiscências Portuguesas em Mogador

Mogador foi construída em 1765 no local da antiga Thamusiga dos Fenícios, por ordem do sultão Sidi Mohamed ben Abdallah, criando ao mesmo tempo um bom posto para os corsários. Um jovem cativo francês, Francisco Cornut, foi o arquitecto.

No bairro Kasbah, encontra-se a maior parte dos habitantes europeus; na Medina, o bairro muçulmano e o de Mellah é habitado pelos israelitas. Um dos maiores bairros — o muçulmano — encontra-se já construído em frente da comprida paia.

Entre os locais mais curiosos conta-se a Porta da Marinha, a Scala do porto e a Scala da cidade com os seus velhos canhões em bronze; os portos e as muralhas do Méchouar, o velho forte português, o antigo palácio do sultão e as dunas de areia que lembram o Saará.

História

Em Julho de 1506, já os Portu-



gueses ali tinham arribado; no mês seguinte, D. Manuel encarregava Diogo de Azambuja, o fundador do Castelo da Mina, de edificar naquele sítio o chamado Castelo Real; para essa construção devia contribuir com o seu au-

xílio o almoxarifado da Ilha da Madeira. A obra não se fez sem resistência dos indígenas... «Diogo de Azambuja que ho edificou com muito trabalho, pelo grande número de Mouros que se ajuntou para lhe defender esta obra» (Damião de Góis, Cron. de D. Manuel, parte II, Cap. XIII).

De 1506 a 1507, governou o Castelo Real Diogo de Azambuja, que recebeu aquela capitania pelos trabalhos e riscos com que levou a cabo a sua construção.

Seguiram-se-lhe Francisco de Miranda, interinamente (1507-1509) e depois de curto período, em que ali superintendeu D. Pedro de Azevedo, cabitão de Safim, por estarem então reunidas as duas capitâncias, um tal Nicolau de Sousa.

Antes de findo o ano de 1510, os indígenas apoderaram-se do Castelo Real, em circunstâncias que se não conhecem ainda.